

Pendência entre FMI e BIRD

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

03 FEV 1989

Uma revisão dos papéis do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD) na gestão da dívida externa do Terceiro Mundo faz parte da pauta do encontro dos ministros de Fazenda dos países ricos, iniciado ontem à noite em Washington e que prossegue hoje.

Fontes financeiras que acompanham a pendência entre o FMI e o BIRD indicam que ela é real. O FMI considera que sua função histórica tem sido avaliar a política monetária das nações-membros, sempre em termos macroeconômicos. Mas nos últimos anos o BIRD começou a examinar políticas macroeconômicas para situar o contexto de seus empréstimos aos países-membros.

Em sua edição de ontem, o The Wall Street Journal considera que a Argentina

é o pomo da discórdia e que o FMI se recusa a apoiar a atual política do país, impedindo seu acordo com os bancos, porque o BIRD fez isso antes, no ano passado. Mas isso parece ser um exagero.

Dentro do próprio BIRD o caso da Argentina é considerado um divisor de águas nas relações entre as duas instituições. Pouco antes de afastar-se da Secretaria do Tesouro para chefiar a campanha presidencial de George Bush, o atual secretário de Estado James Baker pediu que o BIRD acelerasse alguns desembolsos para aliviar a situação argentina. Baker havia prometido esse gesto aos argentinos.

Normalmente empréstimos assim eram feitos, anteriormente, pelo FMI. Acredita-se no BIRD que a equipe do Fundo ficou enciumada porque o governo norte-americano preferiu usar uma opção nova. No

entanto, o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, desde a reunião de Berlim, no ano passado, garante que a operação argentina do BIRD foi um esforço coordenado.

De acordo com Camdessus, a Argentina sequer iniciara negociações com o Fundo, e já tinha entendimentos adiantados com o BIRD. Dada a emergência de sua situação, o FMI considerava normal que o BIRD liberasse parte dos quase US\$ 2 bilhões que os platinos estavam pleiteando em novos empréstimos.

Para atender ao pedido de Baker, o BIRD enviou a Buenos Aires um funcionário sênior, Sahid Husain, e depois seu próprio presidente, Barber Conable. Embora dentro do Fundo entenda-se que esse caso específico não é o pomo da discórdia, a ação recente do BIRD na análise de políticas macroeconômicas efetivamente produz divergências.

O fato de Baker ter-se aproximado de Conable, e não do francês Camdessus, sugere também que o BIRD está mais alinhado com os norte-americanos na gestão da dívida externa do Terceiro Mundo. Camdessus de algum modo refletiria as idéias pouco ortodoxas do presidente francês François Mitterrand, que propõe um desafio para o mundo em desenvolvimento.

A fricção da Secretaria do Tesouro com o FMI teria começado já na primeira parte do governo Ronald Reagan, quando o então diretor-gerente do Fundo, Jacques de Larosière, também francês, concedeu recursos de níveis recordes para um programa de ajuste na Índia. Os Estados Unidos eram contra.

Os argumentos técnicos dos EUA no caso indiano mostraram-se inconsistentes. O resultado do programa de ajuste do governo de Nova Delhi deu razão ao FMI. Mas o mundo das análises técnicas parece cada vez mais temperado pela política. No final do ano passado, um oficial sênior do FMI, ao aposentar-se, fez uma dramática denúncia da interferência política nas decisões dos órgãos técnicos internacionais.

Por outro lado, enquanto o Japão e alguns países europeus defendem um reforço no capital do FMI, os EUA se opõem. Tanto o FMI quanto o BIRD promoveram projetos para estabelecer com clareza suas áreas de atuação aos sete ministros, que são seus governadores.

O outro tema importante para o mundo em desenvolvimento é o da dívida externa

(Continua na página 2)

Pendência
Dúvida Cr.
entre FMI

e BIRD

03 FEV 1989

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)

em si. Espera-se que o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, apresente as primeiras pinceladas do novo Plano Baker, que incluiria possivelmente estímulos aos bancos comerciais para que ampliem o crédito ao Terceiro Mundo.

Mas o tema mais importante para os próprios ministros será, claro, o exame de suas políticas econômicas. Espera-se que Brady assegure aos seus colegas que o governo Bush fará uma tentativa séria de reduzir o déficit do orçamento, quem sabe com o milagre de não aumentar impostos.

Os japoneses, por outro lado, não acompanharam o recente aumento de taxa de juros liderado na Europa pela Alemanha, que passou sua taxa de 3,5% para 4%. Quatro outros bancos centrais europeus a acompanharam. Mas o Japão manteve sua atual taxa de 2,5%, um recorde de baixa. Se os nipônicos decidirem aumentar sua taxa de juros, nota o semanário The Japan Economic Journal, da cadeia Nikkei, "isso pode levar a outra rodada de aumentos de juros" no Primeiro Mundo.

CAZETA MERCANTIL